

EDUCAÇÃO E PROSTITUIÇÃO: ENCONTRO OU DESENCONTRO?

Patricio de Albuquerque Vieira¹
Handson Aguiar de Lima Costa²

RESUMO

É indiscutível o número crescente de pessoas que abraçam a prática da prostituição como fonte de renda. Dentre elas, observa-se um público jovem de homens na faixa etária entre 20 e 40 anos idade, o que se pode verificar através de consultas a sites e aplicativos de relacionamento. No que se refere à prostituição masculina, diversos são os estudos que procuram compreender as vivências do michê que decide praticar o sexo remunerado, a fim de sobreviver e/ou complementar sua renda. Por prostituição entende-se o exercício consciente da negociação/troca do corpo por dinheiro ou por outra compensação financeira e/ou material, com a possibilidade de infinitos/as parceiros/as e de várias experiências sexuais. Nos dias atuais, o mercado do sexo oferece aos seus clientes uma maior liberdade de práticas homoeróticas masculinas e a oportunidade de experiências e trocas sexuais entre homens. Nesse contexto, a prostituição está relacionada ao trabalho, à economia e às relações de gênero, envolvendo uma relação triangular entre alguém que vende os serviços sexuais (o/a prostituto/a), alguém que compra tais serviços (o/a cliente) e o objeto negociável (o sexo). Desse modo, o presente trabalho tem por objetivo discutir acerca das dificuldades enfrentadas pelos profissionais do sexo que os impedem de ingressar e/ou permanecer no ensino superior, tomando como base os pressupostos teóricos de Pereira (1976), Perlongher (1987), Rostagnol (2000), Vicentini (2008), Vieira (2018), entre outros. Para tanto, foi aplicada uma entrevista semiestruturada a dois michês brasileiros residentes na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. As respostas dadas por eles apontam para o fato de que o desemprego e a necessidade de viajar para outros estados brasileiros em busca de novos clientes são os principais fatores que impossibilitam o acesso e a permanência deles à/na educação superior e que, diante desse quadro, é preciso realizar a inclusão desses garotos no cenário educacional e no mercado de trabalho formal, para que tenham seus direitos garantidos na sociedade.

Palavras-chave: Educação, Inclusão, Prostituição.

INTRODUÇÃO

*E do meu corpo os leves anabescos
Vão-te envolvendo em círculos dantescos
Felinamente, em voluptuosas danças...*

Florbela Espanca. “Volúpia”

Diante da miséria, da fome e do desemprego muitos rapazes decidem comercializar o próprio corpo como forma de sobrevivência. No que tange à prostituição masculina, diversos são os estudos que procuram compreender as vivências do homem que decide praticar o sexo remunerado, a fim de sobreviver e/ou complementar sua renda.

¹ Doutor em Literatura e Interculturalidade. Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN – Campus Nova Cruz, patricioavieira@hotmail.com;

² Especializando em Educação Física Escolar pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER, handy.lima@hotmail.com.

No Brasil, o exercício da prostituição não se configura como crime, mas sim o lenocínio, isto é, o favorecimento ou indução do meretrício, sendo levado à punição conforme a Constituição Federal de 1998 (art. 228). Apesar disso, esse ofício ainda é visto como escória ou chaga social. Consequentemente, diversos são os preconceitos existentes em torno do ofício, tendo em vista o patriarcalismo, o moralismo e os dogmas religiosos que condenam os sujeitos que mercantilizam o corpo a um tratamento político e social incompatíveis com a dignidade humana.

Por prostituição entendemos a prática consciente da negociação/troca do corpo por dinheiro ou por outra compensação financeira e/ou material, com a possibilidade de infinitos/as parceiros/as e de experiências sexuais diversas (Vieira, 2016, p. 235). Pensando assim, a prostituição está inserida em uma dinâmica que apresenta dois lados: de um lado, encontra-se o michê que vende o corpo para a aquisição de dinheiro ou bens materiais e, do outro, o cliente que compra o produto (o sexo) para satisfazer o seu prazer efêmero. Dessa forma, o exercício da prostituição é um sistema relacional, uma vez que é praticado entre duas ou mais pessoas, isto é, a prostituição não é constituída apenas pelos/as profissionais do sexo, pois, no contexto da atividade prostitucional, são os clientes que procuram os/as trabalhadores/as do sexo para suprirem as suas próprias necessidades e fantasias sexuais.

Do ponto de vista econômico, “o ato prostitucional não passa de uma prestação de serviços, moldada na fórmula usual de compra e venda” (Pereira, 1976, p. 37), configurando-se como uma negociação entre o/ vendedor/a (a prostituta/o prostituto) e o/a comprador/a (o/a cliente) que negociam o produto (o sexo). Nesse cenário, Pereira (1976, p. 33-34) descreve os elementos que compõem o conceito dos sujeitos que comercializam o sexo, quais sejam: a entrega do corpo e realização de atos sexuais para satisfazer a libido de um/a parceiro/a, a fim de receber remuneração (dinheiro, presentes ou outros benefícios), sob os aspectos comercial ou profissional, de forma pública ou secreta, com pessoas de outro ou do mesmo sexo, sem conhecer os/as clientes, aceitando um número ilimitado e sucessivo de parceiros/as eventuais, ausente de sentimentos como o amor, a afeição e a sensação sexual e sem intenção de procriar. Desse modo, a habitualidade, o pagamento e o número ilimitado de parceiros/as surgem como os dados necessários ao conceito de prostituição.

Ao adentrar no mundo da prostituição para sobreviver, um número significativo de rapazes precisa decidir entre o meretrício e a universidade, uma vez que o atendimento aos clientes acontece, muitas vezes, conforme o horário livre destes e em locais distantes, o que impossibilita o profissional do sexo de organizar o seu tempo para dedicar-se a um curso superior.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo discutir acerca das dificuldades enfrentadas pelos michês que os impedem de ingressar e/ou permanecer no ensino superior. Para tal, fundamentos as nossas reflexões nos aportes teóricos de Pereira (1976), Perlongher (1987), Rostagnol (2000), Vicentini (2008), Vieira (2018), entre outros.

METODOLOGIA

A metodologia empregada na construção deste estudo lança mão da pesquisa qualitativa, uma vez que trabalhamos com descrições e interpretações da fala de informantes, buscando reflexão e compreensão sobre dados coletados.

Para tanto, utilizamos como instrumento de pesquisa uma entrevista semiestruturada aplicada a dois michês brasileiros residentes na cidade de João Pessoa/Paraíba, com o intuito de identificar os obstáculos enfrentados no cotidiano que dificultam o acesso e a permanência deles ao/no ensino superior.

REFERENCIAL TEÓRICO

Parem de me punir só porque vocês não conseguem me imaginar.

Sadie Lune - artista e trabalhadora sexual

Na sociedade contemporânea, é perceptível uma escassez de literatura sobre a relação entre educação e prostituição masculina. Também é fato que grande parte da literatura sobre a prostituição feminina é escrita por homens. Nesse contexto, vale informar que:

a prostituição sempre foi um negócio dos homens e do Estado, os quais mantiveram o controle da situação geradora de recursos econômicos à custa da exploração das mulheres, seja na figura do proxeneta, nas taxas, leis ou extorsões que as prostitutas são obrigadas a se submeter. Juntamente com a violência conjugal, o estupro e outras tantas formas de dominação masculina, a prostituição constitui mais uma manifestação da cultura machista, pois em certa medida, a sexualidade feminina continua sendo gerenciada pelos homens (Ceccarelli, 2008, p. 62-63).

Tendo em vista que a prostituição é uma prática social, antiga e complexa, que foi ganhando novos contornos e adeptos ao longo do tempo, sendo encarada de formas diferentes conforme cada sociedade, é mister refletir sobre tal ofício com respeito, seriedade e de maneira

empoderadora, positiva, uma vez que perpassa por diversos aspectos, como religião, moralidade, economia, cultura, política, sexualidade, relações de gênero, entre outros.

Rago (2008, p. 14) salienta que a prostituição pode ser compreendida como um fenômeno tipicamente urbano que atrai homens em busca do prazer momentâneo, tornando-se “um efeito, produto de um meio que beneficia a muitos setores envolvidos, especialmente os homens, que, aliás, jamais foram objetos de problematização ou de ataques quando se tratou dessa experiência”.

Quanto à prostituição masculina, esta diz respeito a atividades sexuais a troco de dinheiro por parte de rapazes de várias idades. Nessa prática, conhecida equivocadamente como a profissão mais antiga do mundo³ (cozinhar, pastorear e ordenhar são profissões mais antigas que a prostituição), geralmente o homem troca sexo por dinheiro, favores profissionais, informações e bens materiais. Ou seja, o ato de prostituir-se implica na permuta de sexo por dinheiro ou por alguma compensação material ou financeira, possibilitando uma infinidade de parceiros/as e de múltiplas experiências sexuais, como já foi dito.

De acordo com Ceccarelli (2008), a prostituição surge da díade do ato sexual *versus* ganhos financeiros, em que pessoas comercializam os seus corpos com o intuito de realizar práticas eróticas e sexuais para o/a cliente. Nessa atividade, o corpo aparece como a principal ferramenta de trabalho do profissional do sexo, sendo moldado conforme o olhar e o desejo de outrem.

Atualmente, diversos são os estudos que procuram entender as vivências do *michê*⁴ que decide praticar o sexo remunerado, a fim de sobreviver e/ou complementar sua renda. Além disso, é recorrente a abordagem com o propósito de compreender como se constrói a identidade dos homens que se dedicam à prostituição. Em *O negócio do michê – A prostituição viril em São Paulo*, Nestor Perlongher apresenta discussões sobre o desejo, as sexualidades, as corporalidades, o mercado do sexo e as urbanidades. Esta obra, publicada em 1987, tornou-se uma leitura de referência para os estudos acerca da prostituição masculina no Brasil.

³ A título de informação, destacamos que Paulo Francis, nas orelhas do livro *A prostituição é necessária?*, de Otávio de Freitas Júnior e et. al., publicado em 1966, pela Editora Civilização Brasileira S.A., explicita que a prostituição é tão velha quanto a humanidade, mas não é a profissão mais antiga do mundo. Para ele, a mais antiga das profissões é a de assassinato, que continua popular, sobretudo se praticada nas guerras (foi nas tribos primitivas que surgiu o assassinato antes mesmo da prostituição). Paulo Francis destaca ainda que há uma grande diferença entre os assassinos e as prostitutas, qual seja, diferentemente dos primeiros, as segundas nunca tiveram prestígio social, talvez pelo fato de o homem ainda não ter bom entendimento das relações com o sexo.

⁴ Neste trabalho, utilizamos as expressões “*michê*”, “garoto de programa”, “profissional do sexo” e “trabalhadores do sexo” como sinônimos e com o propósito de descrever homens que usam o próprio corpo para práticas de atividades sexuais remuneradas.

Segundo Perlongher (1987, p. 17), “o termo *michê* é usado para denominar uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente”. Para o autor, o vocábulo *michê* apresenta dois sentidos, quais sejam:

Um alude ao ato mesmo de se prostituir, sejam quais forem os sujeitos desse contrato. Assim, *fazer michê* é a expressão utilizada por quem se prostitui para se referir ao ato próprio da prostituição. Em alguns contextos – especialmente entre prostitutas e travestis – o termo pode ser aplicado também ao cliente. Numa segunda acepção, o termo *michê* é usado para denominar uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente. (Grifos do autor)

Ainda conforme o autor:

Os *michês* não somente costumam encarar sua prática enquanto provisória, mas descarregam sobre seus parceiros homossexuais o peso social do estigma. O fato de não abandonar a cadeia discursiva e gestual da normalidade lhes possibilita esses recursos (Perlongher, 1987, p. 21).

Na visão de Almeida (1986, p. 84), o *michê* é “duplamente estigmatizado, pois pratica sexo pago e o sexo homossexual, ou seja, ele é um prostituto e transa com homossexuais”. O autor destaca que há uma relação tensionada entre o *michê* e o cliente, porque ambos são vistos de forma diferente, já que o *michê* é considerado pelo cliente como “sexo fácil, pago, descartável, um objeto a ser usado”, um homossexual “enrustido”, enquanto para o garoto de programa o cliente é desprezível, “um veado”, “um bicha escroto”, que dele pode receber dinheiro e outros bens, sem realizar muitos esforços. A respeito da identidade do *michê*, Silva (2006, p. 28) ressalta que:

A homossexualidade, assim, é vista pelos *michês* como provisória e casual, justificada pelo dinheiro. E, ainda mais, é nesse contexto relacional, nessa constante ratificação da masculinidade, que os homens que se prostituem constroem a sua masculinidade em oposição à feminilidade.

Na sociedade atual, a prostituição viril ocorre nas boates e ruas, em saunas, cinemas pornô, banheiros públicos, bares, fliperamas, casas de massagem e via internet. Para Fábregas-Martinez (2000, p. 18), os rapazes que comercializam o corpo “raramente identificam a prostituição como um trabalho”, encarando-a como uma “atividade temporária, um bico até

encontrar um emprego que lhes garanta um sustento”, já que são mal remunerados e o ofício aparece como complementação de renda. Nesse cenário, Vicentini (2008, p. 15) salienta que, com o propósito de assegurar a própria sobrevivência, o GP precisa transpor alguns obstáculos, esquecer de alguns valores e seguir as regras do grupo para adequar-se ao exercício da prostituição.

No tocante à educação, estudos apontam que muitos michês são privados de ter acesso à universidade por diversos motivos, como por exemplo, a ausência de renda para o financiamento de um curso superior. É preciso (re)pensar sobre a relação entre prostituição e educação, uma vez que esta aparece como fator essencial para estimular processos organizativos em prol de ações de (re)existência.

Pensar no lugar de fala do michê é crucial, a fim de que ele possa fazer uso dos seus direitos cívicos, exercer sua cidadania plena e ter acesso ao mercado de trabalho formal. Todavia, para que isto aconteça faz-se necessária a criação de políticas públicas voltadas à educação dos profissionais do sexo, garantindo-lhes o acesso e a permanência à/na universidade, para que não ocorra o desencontro entre a educação superior e a prostituição, haja vista que sem a educação formal não ocorrerá a inclusão social dos michês.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

*“Quero pagamento para me deitar,
Junto com você estrangular meu riso.
Dê-me seu amor, que dele não preciso”.*

(Garoto de Aluguel – Zé Ramalho)

Neste item, constam os resultados das entrevistas realizadas com dois michês residentes na cidade de João Pessoa/PB⁵. As perguntas giram em torno da entrada no exercício da prostituição e das dificuldades de acesso e de permanência ao/no ensino superior por parte deles, os quais preferiram responder à entrevista oralmente.

O primeiro informante, denominado de Kadu (nome fictício), tem 27 anos de idade, há aproximadamente 5 anos comercializa o corpo e a sua entrada na prostituição ocorreu devido ao desemprego e à urgência de alimentação e o pagamento do aluguel do apartamento onde mora. Para prostituir-se, Kadu teve como motivação a indicação de amigos praticantes do ofício

⁵ Devido ao exíguo espaço deste trabalho, optou-se por não apresentar as perguntas das entrevistas aplicadas aos dois michês. As perguntas versam sobre a entrada no mundo da prostituição e as dificuldades do ingresso na educação superior.

que asseguravam a informação de uma boa renda e dinheiro “rápido”, mas não fácil. Já o segundo informante atende pelo nome de Marcos, tem 31 anos de idade, está há 9 anos na prostituição, com algumas pausas para o trabalho formal, e sua entrada no ofício aconteceu, de início, por causa do desemprego e, atualmente, ele continua na venda do serviço sexual para complementar sua renda. Marcos foi incentivado por um amigo a comercializar o corpo pelo acesso ao dinheiro “rápido”.

Durante a entrevista, Kadu informou que já iniciou um curso superior em uma instituição privada, mas que não conseguiu continuar com os seus estudos presenciais, porque precisava se deslocar para outras cidades em busca de novos clientes, uma vez que não era mais “novidade” na capital paraibana, circulando, assim, de um lugar a outro, “ligando-os a outros existentes, aos fluxos” (Perlongher, 1987, p. 70). As viagens realizadas por ele em busca de uma nova clientela exigem bastante tempo, pois, além da necessidade de organizar os deslocamentos, Kadu precisa reservar o local (hotéis e/ou pousadas) para a recepção dos consumidores do sexo. Além disso, outros acontecimentos enfrentados por ele no ofício, como o uso de drogas, a realização do sexo por obrigação (contra a própria vontade) e a rotina desgastante funcionam como obstáculos para a continuação de seus estudos, obstáculos estes também enfrentados no dia a dia por Marcos, o qual tem apenas o ensino médio completo e ainda não frequentou a universidade.

Para os garotos entrevistados, estudar em uma universidade privada custa caro: a renda recebida dos programas⁶ realizados não é suficiente para o pagamento de suas necessidades básicas (alimentação, aluguel, itens de higiene pessoal etc.). Assim sendo, não sobra dinheiro para a realização de um curso superior. Esses michês asseguram ainda que são desamparados pelo Estado, o qual não oferece uma política de apoio e incentivo ao ingresso dos trabalhadores do sexo na educação superior.

Outros empecilhos que dificultam o ingresso dos entrevistados em um curso superior são o sono e o cansaço físico, visto que eles atendem um ou mais clientes pela noite adentro, precisando dormir durante todo o dia para a reposição das energias do corpo. Muitas vezes, esses rapazes ficam acordados à noite inteira à espera de possíveis clientes que podem (ou não) contratar os seus serviços sexuais. Ademais, a execução dos afazeres domésticos também ocupa o tempo dos entrevistados, pois não dividem as tarefas domésticas, já que moram sozinhos.

⁶ Neste trabalho, programa diz respeito ao contrato estabelecido a partir da negociação previamente feita entre o cliente e o michê.

Segundo eles, há uma preocupação constante em obter dinheiro rapidamente, uma vez que “os boletos não param de chegar”.

Vale informar que os michês entrevistados passam muito tempo de suas vidas em academias de musculação, sob a justificativa de que “um corpo sarado atrai mais clientes”. Para eles, o corpo malhado desperta a atenção dos clientes. Nesse caso, investir em um corpo atrativo, sadio e com músculos bem definidos é garantia de lucro por parte do michê e de satisfação e retorno por parte do cliente, pois o corpo brasileiro é:

Um corpo construído e encenado em nome da beleza, do prolongamento da juventude e da espetacularização das formas, exploradas midiaticamente como elementos identitários, sobretudo no cenário brasileiro, onde, todo o tempo, se referencia e reverencia-se a sensualidade dos traços corporais da mulher e do homem associando-os à sexualidade dos trópicos (Fontes, 2006, p.10).

De fato, os corpos dos entrevistados são visivelmente bem cuidados pela necessidade de atender às vontades sexuais e às expectativas dos clientes, visto que “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (Foucault, 1987, p. 28). Dessa forma, eles procuram excitar o desejo libidinal da clientela, exibindo sensualidade, jovialidade, virilidade e barriga sarada, transformando o corpo em produto de venda. Tal cuidado com o corpo é reforçado na fala de Kadu, quando este ressalta que as práticas de exercícios físicos, procedimentos estéticos e uso de tatuagens são realizadas por grande parte dos michês como uma forma de enaltecer a sua masculinidade.

Diante do que foi exposto, não há dúvida de que a falta de políticas públicas de apoio e incentivo à educação superior e o deslocamento para várias cidades/regiões do país são as maiores barreiras que os michês entrevistados precisam ultrapassar para ter acesso e permanência à/na educação universitária.

CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS

Embora muitos profissionais do sexo consigam conciliar a prostituição e o curso superior, este trabalho pretendeu demonstrar que, para os michês entrevistados, o desemprego e a miséria levam muitos homens ao exercício da prostituição como uma forma de sobrevivência, dificultando o acesso e a permanência deles à/na universidade, resultando, assim, em um desencontro entre a prostituição e educação superior por vários motivos como,

por exemplo, a necessidade de viajar a outras cidades/outros estados para atender a novos clientes e a falta de renda para pagar a graduação de uma universidade privada.

Vale salientar que mesmo sendo associada a aspectos de marginalidade, violência e exclusão social, a prostituição masculina configura-se como a economia sexual mais reconhecida socialmente através do serviço realizado pelos michês. Desse modo, é preciso descriminalizar a prática da prostituição e respeitar os trabalhadores do sexo, dando-lhes visibilidade para que eles possam combater o preconceito e a exclusão social, garantindo-lhes ainda uma educação superior de qualidade, a fim de romper com o silêncio que culturalmente os aprisionam à margem. Mas, para isto, faz-se necessária a criação de programas e políticas públicas que garantam não somente educação, mas liberdade, dignidade, direitos cívicos e humanos àqueles que mercantilizam o corpo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, I. **Prostituição e exploração:** comercialização de sexo jovem. Disponível em <http://www.caminhos.ufms.br/reportagens/view.htm?a=45>. Acesso em 07/maio/2007.

CARMO, P. S. de. **Entre a luxúria e o poder:** a história do sexo no Brasil. São Paulo: Octavo, 2011.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Corpo como mercadoria. *In:* Sexos a trama da vida: Rev. **Mente e Cérebro;** Vol. IV, São Paulo: Duetto Editorial, 2008.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores:** saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 2004.

FERRO, E. P. **Prostituição e romance.** Goiânia: UCG, 1997.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. **O doce veneno da noite:** prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950). Campina Grande: EDUFCEG, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** história das violências nas prisões. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FONTES, Malu. **Os Percursos do Corpo na Cultura Contemporânea.** Trabalho apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - UnB, Brasília, 2006.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Devir puta:** políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PASINI, Elisiane. Sexo com prostitutas: uma discussão sobre modelos de masculinos. *In:* DÍAZ-BENÍTEZ, M. E., FÍGARI, C. E. (orgs.). **Prazeres dissidentes.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PEREIRA, Armando. **Prostituição**: uma visão global. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: prostituição viril em são Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ROSTAGNOL, Susana. Regulamentação: controle social ou dignidade do/no trabalho? *In.*: FREITAS, Karen Bruck, FÁBREGAS-MARTINEZ; Ana Isabel, BENEDETTI; Marcos Renato. **Na batalha**: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição. Porto Alegre: Dacasa: Palmarica, 2000.

SILVA, Rogério Araújo da. **Prostituição**: artes e manhas do ofício. Goiânia: Câne Editorial, Ed. UCG, 2006.

VIEIRA, Patricio de Albuquerque. Sob a luz do abajur lilás cenas da prostituição e da exclusão social. *In.*: VIEIRA, P. de A. (org.). **Literatura, discurso e ensino**: cruzando caminhos. João Pessoa: Ideia, 2016.

VICENTINI, Andresa Martins. **Um olhar sobre a prostituição masculina**. São Paulo: Scortecci, 2008.